

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.102

UCE E EDUCAÇÃO POPULAR E DO CAMPO: SABERES FAZERES NA FORMAÇÃO DOCENTE

Giuliana de Sá Ferreira Barros¹

Edna Guiomar Salgado Oliveira²

Jaciely Soares Silva³

RESUMO

A Curricularização da extensão tem como objetivo contribuir para refinar a formação de futuros profissionais através da experiência direta com a sociedade e suas nuances. Ela é o veículo pelo qual o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais Campus Salinas promove a conexão entre teoria e prática oportunizando aos acadêmicos do curso de pedagogia o desenvolvimento de habilidades alicerçadas a partir da práxis pedagógica contribuindo para que a formação do futuro professor esteja alinhada às necessidades do contexto social e do mundo do trabalho. O que nos motiva ir a campo para realizar nossos estudos e nossas análises é a necessidade de compreender o universo de inquietações e perspectivas trazidas por estes alunos e como os mesmos vão sendo reelaborados a partir da interação com a educação popular e do campo. Sendo assim este trabalho visa contribuir para a formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã para organização do trabalho político pedagógico promovendo a indissociabilidade entre educar e lutar, atos

- 1 Doutora do Curso de Pedagogia do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG, giuliana.sa@ifnmg.edu.br;
- 2 Doutora do Curso de Pedagogia do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG, edna.oliveira@ifnmg.edu.br;
- 3 Doutora do Curso de Pedagogia do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG, jaciely.silva@ifnmg.edu.br;

que devem estar comprometidos com a formação humana. O foco deste trabalho, portanto, é analisar o desenvolvimento e práticas da Unidade Curricular de Extensão (UCE) Educação Popular e da disciplina de Educação do Campo no curso de Pedagogia do IFNMG Campus Salinas. A investigação possui abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e descritiva. Os principais teóricos que sustentam esse trabalho são: Brandão (1985, 2002, 2005, 2020), Freire (1983, 1996) e Gohn (2010). A pesquisa permite compreender como a Educação Popular e Educação do Campo contribuem para a formação do futuro pedagogo a partir de uma metodologia pautada nos círculos de cultura visando a construção, desconstrução e reconstrução de conhecimentos, contemplando a dialética e a troca de saberes a partir da teoria-prática.

Palavras-chave: Unidade Curricular de Extensão, Educação Popular, Formação docente, Pedagogia, Instituto Federal.

INTRODUÇÃO

A curricularização é um tema relevante no contexto universitário, pois está relacionada à inserção de atividades práticas e experiências na estrutura curricular dos cursos. Esta pesquisa busca explorar como essa abordagem pode impactar o ensino superior, no curso de licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais IFNMG/campus Salinas proporcionando uma formação mais completa e conectada com as demandas sociais e com o envolvimento dos acadêmicos com o mundo real da/na sociedade. O curso de Pedagogia do IFNMG curricularizou a extensão em seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) em 2022 com o desafio de tornar o trabalho extensionista como eixo integrador e estruturador do curso, basicamente a proposta de trabalho se fundamenta na prática interdisciplinar em cada período letivo, sendo eixo que integra as discussões e que os acadêmicos e acadêmicas, professores e professoras possam vivenciar a interdisciplinaridade na prática, na construção coletiva com intencionalidade pedagógica evidenciada na práxis. A Curricularização da Extensão consiste na inclusão de atividades de extensão no currículo dos cursos de graduação, indissociáveis do ensino e da pesquisa, devendo envolver disciplinas e profissões diversas, com a intenção de promover impactos na formação do discente e na transformação social, por meio das ações orientadas (Oliveira, 2024).

A curricularização da extensão é a forma pela qual se objetiva contribuir para refinar a formação de futuros profissionais através da experiência direta com a sociedade e suas demandas. Ela é o veículo pelo qual o IFNMG promove a conexão entre teoria e prática oportunizando aos acadêmicos o desenvolvimento de habilidades próprias da relação entre teoria e prática através de ricas trocas dialógicas contribuindo para a formação desse futuro professor de forma mais completa e alinhada às necessidades do contexto social e do mundo do trabalho. E é precisamente esse o universo que nos interessa, ou seja, os estudantes que se encontram no IF tenham

a oportunidade de extrapolar os conhecimentos para além dos muros. O que nos motivou ir a campo para realizar nossos estudos e nossas análises foi a necessidade de compreender o universo de inquietações e perspectivas trazidas por estes alunos e como os mesmos vão sendo reelaborados a partir da interação com o modo de social. Pacheco (2010) explica que a estrutura multicampi e a clara definição do território de abrangência dos Institutos Federais reafirma o compromisso dessas instituições no sentido de promover uma intervenção em suas respectivas regiões, identificando problemas e buscando alternativas técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento sustentável com inclusão social.

A Educação Popular constitui-se em uma das matrizes teóricas mais significativas da educação brasileira contemporânea. Carlos Rodrigues Brandão, ao lado de Paulo Freire, é um dos principais intelectuais a refletir sobre sua natureza, dimensões e possibilidades para a prática educativa. Segundo Brandão (2005, p. 27), “a educação popular nasce como um movimento social e político, antes de se constituir como uma proposta pedagógica”.

Esse aspecto evidencia que a Educação Popular ultrapassa os limites escolares e se enraíza na vida concreta das comunidades e movimentos sociais.

No contexto da formação inicial de professores, especialmente no curso de Pedagogia do IFNMG, discutir a Educação Popular é fundamental, pois se trata de um campo que exige articulação entre teoria e prática, crítica social e compromisso com a transformação da realidade. A educação, entendida como prática social, deve estar atenta às contradições históricas, às demandas populares e às perspectivas de emancipação humana.

Este artigo tem como objetivo analisar as práticas desenvolvidas pela Unidade Curricular de Extensão: de Educação Popular e da disciplina Educação do Campo, ressaltando sua importância no processo de formação docente e destacando a relevância de sua discussão no âmbito do curso de Pedagogia do IFNMG. Para tanto, adota-se uma abordagem teórica,

qualitativa, com pesquisa tipo descritiva, organizadas em seções temáticas que tratam da concepção brandoniana e freiriana, da relevância da Educação Popular para a Pedagogia, da formação inicial de professores e da articulação entre teoria-prática e, em especial, de como essa relação com a prática foi materializada junto aos acadêmicos e comunidade na perspectiva extensionista.

O PERCURSO METODOLÓGICO: SABERES POPULARES E FORMAÇÃO DOCENTE

A metodologia adotada neste trabalho teve como eixo uma abordagem qualitativa de natureza exploratória com realização da pesquisa em todo primeiro semestre do ano de 2025. A pedagogia de projetos em que a temática está relacionada, foi alinhada como eixo integrador de discussão presente em cada semestre pré-estabelecido na matriz curricular. Esta metodologia está predominantemente alicerçada no trabalho com temas geradores conforme Paulo Freire, numa perspectiva transdisciplinar com vistas a desenvolver ensino, pesquisa e extensão construindo conhecimentos articulados dialeticamente com a realidade dos futuros pedagogos.

Afim de executarmos a proposta, trabalhamos a partir da seguinte perspectiva : Planejamento interdisciplinar no início do semestre com o corpo docente e estudantes a fim de construir práticas que envolvam intervenção na comunidade. Construção de um seminário que apresentou os resultados do trabalho extensionista realizado em diálogo com o ensino e a pesquisa. Nesta direção foi proposto um trabalho pautado na metodologia de trabalho com temas geradores e círculos de cultura visando a construção, desconstrução e reconstrução de conhecimentos no sentido radical da busca deste, ou seja, ir à raiz, contemplar a dialética e a troca de saberes a partir da teoria-prática.

Esse processo de problematização do mundo através dos temas geradores e círculos de cultura contribuem para a compreensão da práxis que envolve a dinâmica social levando em conta os desafios da formação do

pedagogo. Esse posicionamento é o nosso compromisso com a formação do ser humano crítico e preparado para contribuir com a construção do conhecimento e formação de sujeitos emancipados. A proposição metodológica se orienta pela criação de um espaço dialógico, no qual os/as estudantes serão convidados/as a uma reflexão problematizadora acerca da educação popular.

Nas aulas foram propostas aulas expositivo-dialogadas, círculos de leitura crítica, análise de vídeos sobre a temática e seminários de estudo individual e coletivo. Foram propostas leituras e estudos orientados de textos; atividades individuais e colaborativas de escrita e registro de reflexões nas diferentes interfaces do portal didático; vídeos, palestras e filmes relacionados à temática; levantamento e sistematização de dados empíricos, afim de que os acadêmicos sejam instrumentalizados com o aporte teórico para vivenciarem e contribuírem de forma crítica com a proposta prática desenvolvida junto às comunidades popular

Foram propostas as seguintes atividades: 1) Planejamento Inicial - Definição de metas e estratégias: Realização de reuniões com as equipes envolvidas, representantes das comunidades e parceiros institucionais para alinhar os objetivos específicos, priorizar ações e definir um cronograma detalhado. 2) Capacitação da equipe executora Estudo e reflexões sobre os conceitos básicos da pauta da educação popular. 3) Diagnóstico - Visitas in loco: Realização de visitas para conhecer a realidades socioambientais, culturais e econômicas das mulheres artesãs do distrito de Ferreirópolis. As visitas incluirão reuniões com lideranças locais, mapeamento das demandas e coleta de informações. 4) Levantamento de dados: Aplicação de métodos participativos, como entrevistas não estruturadas e rodas de conversa. 5) Oficinas sobre Arte e Educação popular 6) Ações comunitárias: construção de um documentário afim de contribuir para a divulgação do trabalho das artesãs. 7) Produção de um documentário 7.1) Troca de Experiências e Construção Coletiva 7.2) Promoção de um espaço de troca entre as comunidades-alvo e o IFNMG através da feira pedagó-

gica realizada no final do semestre. sobre a Educação popular, Educação do campo e Educação de jovens e adultos.

A avaliação dos acadêmicos foi observada a partir da participação ativa dos estudantes na realização das atividades de forma contínua e integradora, tendo em conta os aspectos de seu envolvimento nas oficinas, onde os acadêmicos demonstraram e compartilharam os conhecimentos adquiridos. Foram considerados a comunicação, e capacidade de ensinar e refletir criticamente sobre os desafios próprios da educação popular e do campo. A avaliação final do projeto ocorreu após a conclusão do mesmo por meio de apresentação oral e apresentação dos documentários durante a Feira Pedagógica do IFNMG Salinas. É importante destacar que essa apresentação foi feita para toda comunidade escolar do IFNMG Campus Salinas e avaliado por todos os professores que compõem o quadro de disciplinas do período do curso de Licenciatura em Pedagogia participante do projeto..

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO POPULAR EM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO E PAULO FREIRE

Brandão (1985, p. 9) afirma que “ninguém escapa da educação”. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de outro, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela”. Essa concepção amplia a noção de educação, situando-a para além dos espaços formais e compreendendo-a como prática social e cultural. A Educação Popular, nesse sentido, constitui-se como um processo coletivo, histórico e político, orientado para a emancipação dos sujeitos. De acordo com Brandão (2002), a Educação Popular é, sobretudo, um modo de compreender e praticar a educação em diálogo com os sujeitos populares. Para ele, não se trata de impor conteúdos ou metodologias, mas de construir, junto às comunidades, uma pedagogia que nasce das experiências e da realidade vivida. Essa perspectiva dialoga diretamente com Paulo Freire (1996, p. 68), para quem a

educação deve ser entendida como prática de liberdade, capaz de possibilitar a transformação da realidade.

Assim, a Educação Popular em Brandão se afirma como prática pedagógica comprometida com a vida, com as culturas locais e com a luta por justiça social. Trata-se de uma concepção que resiste à padronização e à homogeneização, priorizando o reconhecimento das vozes, saberes e trajetórias dos educandos. A extensão universitária tem se constituído como espaço privilegiado de diálogo entre universidade e sociedade, possibilitando a articulação entre teoria e prática, fundamentais à formação de professores. Na perspectiva da educação popular, Paulo Freire (1983) problematiza o conceito tradicional de “extensão” e o contrapõe ao de “comunicação”, destacando que não se trata de transferir conhecimentos de forma vertical, mas de construir um processo dialógico e emancipador.

A educação popular é uma abordagem educativa que busca promover a conscientização, a emancipação e a transformação social a partir das realidades e necessidades das comunidades e grupos marginalizados. Ela se baseia no diálogo, na participação ativa dos educandos e no respeito aos saberes populares, visando superar as desigualdades sociais e promover a justiça social. Os objetivos da educação popular no curso de Pedagogia estão diretamente ligados à formação de profissionais críticos, comprometidos com a justiça social e capazes de atuar em contextos diversos, especialmente com comunidades marginalizadas. Esses objetivos refletem uma perspectiva pedagógica transformadora, inspirada em autores como Paulo Freire, e buscam romper com modelos tradicionais de educação.

As principais características da educação popular estão pautadas numa perspectiva dialógica de construção do conhecimento em que podemos citar como elementos fundamentais: 1. Diálogo e horizontalidade: Diferente da educação tradicional, que muitas vezes é vertical (professor como detentor do conhecimento), a educação popular valoriza o diálogo entre educadores e educandos, reconhecendo que todos têm saberes e experiências válidos. 2. Contextualização: A educação popular

parte da realidade concreta das pessoas, considerando suas culturas, histórias e desafios. O conteúdo educativo é construído a partir do contexto vivido pelos participantes.³ 3. Conscientização: Inspirada nas ideias do educador Paulo Freire, a educação popular busca despertar a consciência crítica sobre as estruturas de opressão e desigualdade, incentivando a reflexão e a ação para transformar a realidade. 4. Participação ativa: Os educandos são protagonistas do processo educativo, envolvendo-se na construção do conhecimento e na definição dos rumos da aprendizagem. 5. Transformação social: A educação popular não se limita à transmissão de conhecimentos, mas busca promover mudanças sociais, políticas e culturais, visando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. 6. Valorização dos saberes populares: Reconhece e integra os conhecimentos tradicionais, locais e comunitários, em contraposição a uma visão elitista ou academicista do saber.

Segundo Freire (1983, p. 12), “dizer que se vai ‘estender’ algo a alguém é supor que este alguém nada tem”. Essa concepção de extensão, marcada pela lógica de transmissão, desconsidera os saberes prévios dos sujeitos envolvidos. Ao propor a comunicação como alternativa, o autor defende que a universidade deve reconhecer e dialogar com o conhecimento popular, valorizando-o como parte do processo educativo. No âmbito da formação inicial de professores, a extensão universitária possibilita experiências que rompem com a lógica bancária de ensino, permitindo que o futuro docente vivencie práticas educativas que emergem da realidade concreta dos sujeitos. Como afirma Freire (1983, p. 27), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Essa perspectiva ressalta a importância de compreender a extensão não como imposição de saberes, mas como processo formativo compartilhado.

A experiência extensionista, inspirada na educação popular, contribui para que os licenciandos se percebam como sujeitos históricos, capazes de intervir criticamente na realidade. Desse modo, a extensão torna-se um espaço pedagógico de formação que articula compromisso ético, político

e social com a prática docente. Ao mesmo tempo, possibilita que a universidade cumpra seu papel de estar a serviço da transformação social, dialogando com comunidades, movimentos sociais e escolas públicas.

Nesse sentido, a contribuição freireana permanece atual, pois desafia a universidade a repensar suas práticas extensionistas. Como lembra o autor, “a comunicação é, em essência, coparticipação de sujeitos no ato de pensar” (Freire, 1983, p. 45). Logo, compreender a extensão a partir da perspectiva da educação popular é fundamental para a formação de professores comprometidos com a emancipação e a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR NO CURSO DE PEDAGOGIA DO IFNMG

O curso de Pedagogia do IFNMG, ao formar futuros professores, busca possibilitar o contato crítico com as teorias que sustentam práticas educativas transformadoras. Nesse contexto, a Educação Popular configura-se como fundamental. Segundo o autor, “educar é também lutar para que homens e mulheres sejam sujeitos de sua própria história” (Brandão, 2005, p. 45). A formação inicial que não contempla essa dimensão corre o risco de reduzir-se a um processo meramente técnico, desconectado das realidades sociais.

Inserir a discussão sobre Educação Popular e por extensão a educação do campo, fruto da educação popular, no curso de Pedagogia significa formar profissionais que reconheçam a escola como espaço de diálogo e de resistência. Como defende Arroyo (2012), a prática pedagógica precisa estar vinculada às questões sociais, culturais e políticas, de modo que a docência se configure como um compromisso com a democracia e a emancipação dos sujeitos.

A formação inicial de professores é um momento privilegiado para a construção de identidades docentes comprometidas com o social. Brandão (2002, p. 57) argumenta que a Educação Popular “não é apenas uma

teoria, mas uma prática que se reconstrói no encontro entre educadores e educandos”. Essa prática exige abertura para o diálogo, reconhecimento das diferenças e disposição para aprender com as experiências comunitárias. No IFNMG, trabalhar com Educação Popular implica superar a visão tradicional da docência como mera transmissão de conteúdos. Como aponta Freire (1996), a docência precisa ser compreendida como prática transformadora, orientada por princípios éticos, políticos e pedagógicos que visem à emancipação dos sujeitos.

ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

A articulação entre teoria e prática é um dos grandes desafios da formação docente. Nesse aspecto, a Unidade Curricular de Extensão (UCE) Educação Popular aponta caminhos significativos. Brandão (2005) enfatiza que a prática educativa deve ser constantemente refletida e teorizada, pois é na ação-reflexão-ação que se constrói uma pedagogia crítica. Paulo Freire (1996, p. 32) reforça esse ponto ao afirmar que “não há docência sem discência”, ou seja, não há prática educativa verdadeira sem o diálogo entre quem ensina e quem aprende e que ambos estão num contexto social que precisa ser considerado, assim nasce a extensão no curso de Pedagogia do IFNMG. Relacionar a vida cotidiana, as vivências culturais dos acadêmicos no norte de Minas Gerais e Vale do Jequitinhonha como elemento estruturante em sua formação, reconhecendo a cultura popular como eixo de identidade, valorizando e, sobretudo, levando tais práticas para os currículos escolares, da educação infantil à educação de Jovens, Adultos e Idosos.

No curso de Pedagogia do IFNMG, discutir Educação Popular é uma forma de fortalecer a identidade do professor como intelectual crítico e comprometido com a transformação social. Como lembra Arroyo (2014), os professores são também trabalhadores da cultura e, nesse sentido, sua formação deve capacitá-los para atuar de maneira crítica e engajada. Para a formação inicial de professores, essa perspectiva representa

a possibilidade de romper com o tecnicismo e com a visão fragmentada do conhecimento, construindo práticas integradoras, contextualizadas e comprometidas com a vida social e cultural dos estudantes.

EDUCAÇÃO POPULAR: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA DO IFNMG

A formação inicial de professores exige uma articulação constante entre teoria e prática, especialmente quando se busca construir uma docência comprometida com a realidade social e cultural em que a escola está inserida. Nesse sentido, o curso de Pedagogia do IFNMG tem desenvolvido atividades extensionistas e pedagógicas que aproximam os futuros docentes da cultura popular, valorizando saberes, tradições e práticas comunitárias. Essas experiências têm demonstrado o potencial formativo da práxis na cultura popular e no fortalecimento da educação popular, entendida como prática crítica, dialógica e emancipadora.

Brandão (2020) discute o papel da práxis, isto é, da ação reflexiva, como núcleo da Educação Popular. O autor declara que “não existe prática educativa que não seja teoria”, ou seja, toda ação educativa deve ser pensada, revisitada e reelaborada com os sujeitos, em um movimento contínuo entre ação e reflexão. Essa dinâmica é essencial para que a educação não se reduza à técnicas, mas permaneça viva, crítica e transformadora. Nesta perspectiva todo o trabalho desenvolvido foi pautado em uma metodologia organizada a partir dos círculos de cultura de Paulo Freire visando a construção, desconstrução e reconstrução de conhecimentos, contemplando a dialética e a troca de saberes a partir da teoria-prática.

Idealizado por Freire na década de 60, os círculos de leitura constituem-se em uma proposta pedagógica democrática, dialógica e multidisciplinar que tem como eixo central a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento. No lugar da proposta tradicional de ensino, docentes e discentes trabalham de maneira horizontalizada a

partir de temas geradores, debatendo os principais temas do assunto em pauta e problematizando a realidade.

O educador Paulo Freire é uma das figuras mais importantes associadas à educação popular. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, ele propõe uma educação libertadora, que ajude os oprimidos a reconhecerem sua condição e a lutarem por sua libertação. Freire critica a “educação bancária”, na qual o conhecimento é “depositado” nos alunos, e defende uma prática educativa dialógica, problematizadora e transformadora. Neste sentido observamos que a educação popular está presente em diversos contextos, como: Movimentos sociais e comunitários. Projetos de alfabetização de adultos. Trabalhos com populações rurais, indígenas e periféricas. Iniciativas de saúde comunitária e educação ambiental.

Em pedagogia do oprimido, Freire (1993), argumenta que os temas geradores devem ser trabalhados dialogicamente, lado a lado com o povo e populações, uma abordagem de baixo para cima, que entende como as pessoas se comunicam, em quais grupos estão inseridas e a que lugar pertencem. Essa investigação implica, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. (...) proporcione ao mesmo tempo a apreensão dos ‘temas geradores’ e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos” (FREIRE, 1993, p. 87).

Esse é o ponto de partida que esse trabalho pretende se desdobrar, lançando luz das questões norteadoras no campo das políticas públicas em educação articuladas com os saberes dos povos do campo, das águas e das florestas. A educação popular é uma prática educativa comprometida com a justiça social, a democracia e a valorização dos saberes e das lutas dos grupos marginalizados. Ela busca não apenas educar, mas também empoderar e transformar desenvolvendo nos envolvidos (estudantes e comunidade) uma postura ética e política comprometida com a emancipação de grupos oprimidos.

Uma das iniciativas da UCE foi o trabalho junto às artesãs do distrito de Feirelópolis, no município de Salinas/MG, que produzem artesanato de barro. O contato dos acadêmicos com esse saber tradicional possibi-

litou compreender que a educação não se limita ao espaço escolar, mas é produzida na vida cotidiana das comunidades. Como destaca Brandão (1985, p. 9), “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de outro, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela”. Nesse sentido, o aprendizado com as artesãs reforça a importância de valorizar o conhecimento popular local como parte do processo formativo docente.

Outra experiência significativa foi o estudo e a vivência dos acadêmicos com os foliões da Folia de Reis na cidade de Salinas/MG, expressão cultural marcada pela oralidade e pela religiosidade popular. Ao conhecer a história e a tradição desse festejo, os acadêmicos perceberam a relevância da memória coletiva e do patrimônio cultural imaterial para a formação identitária da comunidade. Para Freire (1983, p. 45), “a comunicação é, em essência, coparticipação de sujeitos no ato de pensar”. Assim, ao dialogar com mestres e participantes da Folia de Reis, os futuros pedagogos vivenciaram uma prática comunicativa e educativa que ressignifica o currículo, ampliando os horizontes pedagógicos para além dos conteúdos escolares.

Ademais, a realização de uma Feira Junina no campus Salinas/IFNMG, organizada em diálogo com os acadêmicos, possibilitou resgatar brincadeiras antigas, comidas típicas e manifestações culturais associadas às festas de Santo Antônio, São João e São Pedro, profundamente enraizadas em Salinas. Essa vivência demonstrou como o currículo escolar pode ser enriquecido ao incluir práticas culturais significativas para a comunidade. Segundo Candau (2012, p. 15), a escola deve “articular os saberes escolares com os saberes culturais, favorecendo o reconhecimento e a valorização das identidades dos sujeitos”. Dessa forma, ao vivenciar e refletir sobre as festas juninas, os acadêmicos compreenderam como a escola pode contribuir para a preservação da cultura popular e para a construção de práticas educativas contextualizadas.

Essas experiências demonstram que a cultura popular, quando integrada ao processo de formação docente, fortalece a perspectiva da

educação popular. Isso porque possibilita que os futuros professores compreendam a importância de valorizar a realidade local, promover a participação da comunidade e desenvolver práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade cultural. Como sintetiza Brandão (2002, p. 57), “a educação popular não é apenas uma teoria, mas uma prática que se reconstrói no encontro entre educadores e educandos”.

Portanto, o trabalho de extensão curricular com artesãs, folias de reis e festas juninas realizado no curso de Pedagogia do IFNMG evidencia que a formação inicial de professores deve ir além da sala de aula e dialogar com os saberes da comunidade. Trata-se de reconhecer que a educação popular se enraíza na vida cultural e que, ao incorporá-la ao currículo, forma-se um docente mais crítico, sensível e comprometido com a transformação social. Outra ideia relevante trazida por Brandão (2020) é a territorialização da Educação Popular. O autor enfatiza a importância de trabalhar com as realidades concretas (territórios) das comunidades, suas dificuldades, riquezas culturais, conflitos e potencialidades, como ponto de partida para o processo educativo. Ele destaca que uma educação que não considera o território se distancia da vida e acaba sendo irrelevante para os sujeitos. Nesse sentido, o educador popular deve conhecer os lugares onde atua, dialogar com as pessoas e estar disposto a se imbuir daquela realidade para elaborar projetos pedagógicos significativos.

As experiências desenvolvidas com os acadêmicos do curso de Pedagogia do IFNMG, no âmbito da UCE de Educação Popular e da disciplina de Educação do Campo, revelam a potência formativa da articulação entre teoria e prática, especialmente quando vinculadas à produção de documentários. Uma das experiências consistiu na investigação da política pedagógica da Escola Família Agrícola Nova Esperança, localizada no distrito de Matrona, em Taiobeiras. Nesse contexto, os acadêmicos puderam compreender como a pedagogia da alternância se configura como prática de Educação Popular, ao articular o tempo-escola e o tempo-comunidade, garantindo que o processo de ensino-aprendizagem esteja conectado com a vida e a cultura do campo. Como destaca Caldart (2012,

p. 152), a pedagogia da alternância “valoriza o protagonismo dos sujeitos do campo e suas formas de organização comunitária, rompendo com a lógica homogênea da escola tradicional”.

Outra produção audiovisual realizada pelos discentes retratou a trajetória de mãe e filha do povoado de Curralinho, em Salinas, que superaram os desafios de estudar por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa narrativa evidencia o caráter emancipador da Educação do Campo enquanto vertente da Educação Popular, uma vez que possibilita que sujeitos historicamente excluídos tenham acesso ao conhecimento e, sobretudo, ressignifique suas vidas pela via da educação. Nesse sentido, Molina (2014, p. enfatiza que a Educação do Campo deve ser compreendida como “parte de um projeto de transformação social, que reconhece as condições históricas e culturais dos trabalhadores do campo”.

Além do conteúdo pedagógico, a construção dos documentários também constitui-se em experiência formativa relevante para a formação inicial docente, pois insere os acadêmicos no desafio de produzir materiais utilizando recursos tecnológicos, desenvolvendo competências de comunicação, pesquisa e registro audiovisual. Ao vivenciarem a prática de documentar e refletir sobre experiências da Educação Popular e do Campo, os futuros pedagogos ampliam sua compreensão crítica sobre o papel da escola e fortalecem sua identidade profissional a partir de experiências enraizadas na realidade local. Trata-se, portanto, de um processo formativo que ultrapassa a dimensão técnica, possibilitando aos acadêmicos experimentar a educação como prática social transformadora.

Percebe-se que a cultura local teve o eixo central do trabalho pedagógico desenvolvido pelas professoras e acadêmicos do curso de Pedagogia do IFNMG. Acoradas em Brandão (2020) que afirma que não basta “levar cultura” à comunidade; é imprescindível reconhecer, valorizar e aprender com as expressões culturais locais, sejam manifestações artísticas, histórias orais ou práticas comunitárias”. A educação popular, segundo ele, tem que emergir daquilo que os sujeitos já portam como saberes, não impor modelos externos.

Brandão (2020) aborda a Educação Popular como prática profundamente enraizada nas lutas sociais e nas culturas populares, enfatizando que ela não é apenas uma metodologia, mas uma postura ética e política frente à educação. Ele insiste que a Educação Popular nasce nas comunidades, nas resistências e nos saberes que se produzem no cotidiano, mais do que em espaços acadêmicos. Para ele, a tarefa da educação popular exige humildade de quem educa, abertura ao diálogo e disposição de aprender com os sujeitos educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de Educação Popular constitui-se em um referencial indispensável para a formação inicial de professores no curso de Pedagogia do IFNMG. Ao valorizar o diálogo, a cultura popular, a prática reflexiva e a transformação social, essa perspectiva pedagógica oferece subsídios para que os futuros docentes se construam como profissionais críticos, éticos e comprometidos com a emancipação humana a partir de suas próprias experiências, de suas culturas e aprendendo a respeitar as diferenças e diversidades e, sobretudo, valorizar a cultura como propriedade de identidade, estética, sensibilidade e beleza.

Discutir Educação Popular como um grande guarda-chuva e dentro dela a Educação do Campo, a Educação de Jovens e Adultos na formação inicial significa reconhecer a docência como prática política e social, capaz de intervir na realidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Assim, este artigo conclui que a herança teórica e prática de Brandão e Freire permanecem atuais e necessárias, orientando os caminhos da Pedagogia brasileira e reafirmando a centralidade da Educação Popular como prática transformadora. Por fim, enfatizamos a dimensão política da Unidade de Extensão Curricular (UCE) Educação Popular: não é neutra. Ao trabalhar com comunidades e populações historicamente excluídas, a educação popular implica compromisso com a justiça, a democracia

e a transformação social. Para Brandão, o educador popular deverá ser aquele que se insere nas lutas, que articula ação educativa com organização social e que crê na capacidade dos sujeitos de produzirem seus próprios caminhos de emancipação.

Foi possível perceber um importante desenvolvimento dos acadêmicos no que diz respeito a vivência e trabalho com movimentos sociais, sindicatos rurais, comunidades, Associações de Bairros. O trabalho de campo desenvolvido na Escola Família Agrícola, nas comunidades Quilombola e Indígena, ampliaram o protagonismo comunitário por meio do fortalecimento do reconhecimento identitário e do empoderamento social e político dos acadêmicos junto às mulheres artesãs de Ferreirópolis. A produção de documentário serviu como ferramentas estratégicas para visibilização do trabalho realizado e inclusão de jovens, mulheres e lideranças comunitárias em processos formativos, promovendo a participação inclusiva.

Além disso, desperta a atenção para as tensões e obstáculos que a Educação Popular enfrenta: a lógica burocrática das instituições de ensino, a padronização curricular, a lógica do mercado e as pressões por resultados quantificáveis e imediatos das avaliações sistêmicas como: Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (Simave) que ocupam grande parte da carga horária das escolas mineiras em busca do controle, priorizando conteúdos que se constituem em um cotidiano de gestão curricular marcado por avaliações sistêmicas. Brandão (2005, p. 61) alerta que “a Educação Popular não se encaixa facilmente nos moldes institucionais, pois sua lógica é a da vida, da comunidade, da participação”. No entanto, é justamente essa resistência que a torna necessária.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2012.



ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de professores. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Entrevista sobre educação popular** (2020). Vídeo (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b3qn0Lrh8mo&t=977s>. Acesso em: 25 set. 2025

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação intercultural**: entre concepções, tensões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: NEAD/MDA, 2014.

OLIVEIRA, Edna Guiomar Salgado. **A curricularização da extensão no curso de Pedagogia do IFNMG**. XXII - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Revista ENDIPE (Anais). João Pessoa/PB: 2024. Disponível em <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/116020>. Acesso em 24 set. 2025.